REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: UMA ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTOS EM AGROECOLOGIA

SYSTEMATIZATION OF EXPERIENCES: A STRATEGY FOR THE COLLECTIVE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN AGROECOLOGY

SISTEMATIZACIÓN DE EXPERIENCIAS: UNA ESTRATEGIA PARA LA CONSTRUCCIÓN COLECTIVA DEL CONOCIMIENTO EN AGROECOLOGÍA

Fernanda da Silva Pereira
Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente
Instituição: Universidade Federal de Rondônia
E-mail: nanda31101989@gmail.com
Orcid:0000-0001-6243-2480
Lattes: https://lattes.cnpq.br/8797521982939966

Emanuel Fernando Maia de Souza
Doutor em fitotecnia (Produção Vegetal)
Instituição: Universidade Federal de Rondônia
E-mail: emanuel@unir.br
Orcid: 0000-0002-5493-2183
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4742387914768064

Resumo

O adensamento e a difusão das experiências agroecológicas têm ampliado a visão sobre a importância do novo paradigma de desenvolvimento rural baseado na agroecologia, com ênfase na agricultura familiar, e propiciado um ambiente social e político adequado ao intercâmbio de inúmeras articulações e redes, de modo a contribuir com esse crescimento. Nessa perspectiva, o processo de sistematização de experiências na agricultura agroecológica promove a troca do paradigma de desenvolvimento para o Bem-Viver. Este último está em constante construção e apresenta-se como uma crítica ao consumo inconsequente e à degradação ambiental e, enquanto sinônimo de felicidade, busca privilegiar o equilíbrio entre bem-estar e sustentabilidade. Por meio desse processo é possível uma reflexão crítica sobre as práticas agroecológicas vivenciadas em uma comunidade e articulá-las a uma política nacional de fortalecimento do conhecimento agroecológico. Esta pesquisa tem como objetivo sistematizar práticas agroecológicas em núcleos de agricultura familiar do grupo Bem Viver, localizado no município de Cacoal–RO. A pesquisa foi participativa, havendo diálogo e interação coletiva das famílias durante o processo. A metodologia seguiu os passos propostos para sistematizar experiências de Oscar Jara Holliday, com adaptações. Cada passo foi identificado na forma de síntese de suas principais atividades e o processo ocorreu no decorrer de 12 meses. O processo sistematizador permitiu identificar as potencialidades e limitações a respeito das práticas sobre diversificação de cultura e manejo de solo na região estudada. Aprimorou as práticas agroecológicas do grupo e criou condições de compartilhamento**.** Aprofundou os conceitos e diálogos sobre o conhecimento agroecológico, recuperou, registrou e comunicou a trajetória do grupo. Houve aprendizado com todos os envolvidos a partir das vivências, a construção de conhecimentos entre o grupo e para outros grupos, contribuindo para o fortalecimento do conhecimento agroecológico.

Palavras-chave: Desenvolvimento rural; Práticas agroecológicas; Agricultura familiar.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Abstract

The intensification and spread of agroecological experiences have broadened the perspective on the importance of a new rural development paradigm based on agroecology—with an emphasis on family farming and have fostered a social and political environment conducive to the exchange of ideas among numerous alliances and networks, thereby contributing to this growth. In this context, the process of systematizing agroecological farming experiences promotes a shift in the development paradigm toward Bem Viver (Good Living). The latter is a concept under constant construction that critiques reckless consumption and environmental degradation; as a synonym for happiness, it seeks to prioritize a balance between well-being and sustainability. This process enables critical reflection on agroecological practices within a community and links them to a national policy aimed at strengthening agroecological knowledge. This research aims to systematize agroecological practices within family farming units belonging to the Bem Viver group, located in the municipality of Cacoal, Rondônia (RO). The study was participatory, involving dialogue and collective interaction among the families throughout the process. The methodology followed with some adaptations the steps proposed by Oscar Jara Holliday for systematizing experiences.Each step was outlined through a summary of its key activities, and the process unfolded over a 12-month period. The systematization process made it possible to identify the potential and limitations regarding crop diversification and soil management practices in the study region. It improved the group's agroecological practices and created opportunities for knowledge sharing. It deepened concepts and dialogues regarding agroecological knowledge while recovering, documenting, and communicating the group's trajectory. All participants learned from these lived experiences, and knowledge was co-constructed within the group and shared with others, thereby contributing to the strengthening of agroecological knowledge.

Keywords: Rural development; Agroecological practices; Family farming.

Resumen

La intensificación y difusión de experiencias agroecológicas han ampliado la perspectiva sobre la importancia de un nuevo paradigma de desarrollo rural basado en la agroecología con énfasis en la agricultura familiar y han fomentado un entorno social y político propicio para el intercambio de ideas entre numerosas alianzas y redes, contribuyendo así a este crecimiento. En este contexto, el proceso de sistematización de experiencias agrícolas agroecológicas promueve un cambio en el paradigma de desarrollo hacia el Bem Viver (Buen Vivir). Este último es un concepto en constante construcción que critica el consumo desenfrenado y la degradación ambiental; como sinónimo de felicidad, busca priorizar el equilibrio entre el bienestar y la sostenibilidad. Este proceso permite una reflexión crítica sobre las prácticas agroecológicas dentro de una comunidad y las vincula a una política nacional orientada a fortalecer el conocimiento agroecológico. Esta investigación tiene como objetivo sistematizar las prácticas agroecológicas en unidades de agricultura familiar pertenecientes al grupo Bem Viver, ubicado en el municipio de Cacoal, Rondônia (RO). El estudio fue de carácter participativo e involucró el diálogo y la interacción colectiva entre las familias a lo largo de todo el proceso. La metodología siguió con algunas adaptaciones los pasos propuestos por Oscar Jara Holliday para la sistematización de experiencias. Cada paso se describió mediante un resumen de sus actividades clave, y el proceso se desarrolló a lo largo de un periodo de 12 meses. El proceso de sistematización permitió identificar el potencial y las limitaciones en cuanto a la diversificación de cultivos y las prácticas de manejo del suelo en la región de estudio. Asimismo, mejoró las prácticas agroecológicas del grupo y generó oportunidades para el intercambio de conocimientos. Profundizó en conceptos y diálogos sobre el saber agroecológico, al tiempo que recuperaba, documentaba y comunicaba la trayectoria del grupo. Todos los participantes aprendieron de estas experiencias vividas; el conocimiento se coconstruyó dentro del grupo y se compartió con otros, contribuyendo así al fortalecimiento del saber agroecológico.

Palabras clave: Desarrollo rural; Prácticas agroecológicas; Agricultura familiar.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

1. Introdução

A forma de organização da produção agrícola mundial favorece um mercado de insumos e sementes com o fortalecimento de grandes corporações que determinam os meios de produção e consumo. Enquanto mudanças climáticas drásticas e conflitos prolongados ameaçam a produção e a segurança alimentar de povos e nações (FAO, 2020; ABREU et al, 2001).

No Brasil, os impactos dessa crise têm sido atenuados por políticas públicas voltadas para estimular o consumo interno por meio da redução de impostos e políticas voltadas à agricultura familiar (MAIA, 2020). O PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), a criação do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), além do revigoramento da Reforma Agrária, são exemplos das políticas públicas planejadas e implementadas (OLAUDE et al, 2004; GOMES, 2019).

Apesar desses avanços, ainda predominam políticas de apoio ao agronegócio baseado em monocultivo extensivo destinado à exportação. Esse modelo intensifica a concentração de terra, o desmatamento, a perda de biodiversidade, uso de agrotóxicos e a pressão sobre território de populações tradicionais (GOMES, 2019). Diante disso, a agroecologia emerge como ciência integradora que fundamenta o paradigma do “Bem Viver” (sinônimo de felicidade), propondo um equilíbrio entre bem-estar e sustentabilidade em contraposição ao consumo e ao crescimento econômico ilimitados (ALCANTARA, SAMPAIO, 2017).

Gerar conhecimento e capacidades para agroecossistemas sustentáveis é um dos principais desafios da agroecologia, fortalecido pela sistematização de experiências. Esse processo amplia a capilaridade das ações locais e conecta sociedades, movimentos sociais, governos e grupos de pesquisa e extensão (ASSIS, 2006; HOLLIDAY, 2006). A comunicação e o adensamento dessas experiências têm ampliado sua visibilidade e criado um ambiente político favorável à sustentabilidade agrícola, mas seus benefícios só se consolidam com a expansão consistente dessas práticas (HOLLIDAY, 2006). Embora usada principalmente na educação e nas ciências sociais, a sistematização vem ganhando espaço na agroecologia como ferramenta estratégica para analisar criticamente a prática, compartilhar

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

aprendizados e articular grupos e redes (CIDAC, 2007; HOLLIDAY, 2006; SANCHES, 2011).

Esta pesquisa sistematiza as experiências do grupo Bem Viver, de Cacoal-RO, formado por famílias da agricultura familiar que, desde 2008, buscam melhores condições de vida e consolidam a identidade agroecológica a partir do “Bem Viver”. O objetivo geral é sistematizar práticas agroecológicas desses núcleos, valorizar os saberes acumulados, enriquecer os processos de experimentação e fortalecer a transição agroecológica. A revisão aborda sistematização de experiências, agroecologia, práticas agroecológicas e agricultura familiar, relacionando-as ao paradigma do “Bem Viver” e ao cultivo sustentável de hortaliças.

Por fim, o trabalho apresenta a experiência de sistematização em Cacoal-RO, descreve o método e suas fases, destaca práticas significativas de manejo de solo e diversificação de culturas, expõe resultados investigativos e reconstrói historicamente as lições aprendidas para fortalecer o campo agroecológico.

2. Revisão da Literatura

2.1 Agroecologia enquanto movimento sociocultural e/ou político

Agroecologia tem como eixo central a sustentabilidade do sistema agroalimentar, para alcançar esse fim a sua dinâmica é dada pelo desempenho e relação de suas três dimensões: ciência (geração de conhecimento), a prática (tecnologias ligadas às práticas dos sistemas de produção agrícola) e movimentos sociais (política) (WEZEL et al.,2009) todos estão presentes na agroecologia, embora não possam ser observadas em todos os países com a mesma intensidade.

Neste âmbito, a agroeologia como movimento o que abordaremos neste tópico, demonstra as deficiências do sistema agroalimentar convencional e está relacionada a luta ecologista e ambientalista (ALMEIDA, 2002; TOLEDO, 2011) em busca da melhoria da qualidade de vida de grupos e pessoas. Desta maneira, é clara a sua relação com a construção de questões sociais, políticas e éticas que devem ser incorporadas pelos pesquisadores em Agroecologia. O que nos incita à uma análise crítica do sistema agroalimentar, como também mobiliza, legitima e atua em

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

práticas para implantar desenhos e manejos mais adequados na perspectiva da sustentabilidade (PRATES et al., 2016).

Ao tratarmos do movimento agroecológico, aproximamos sua forma política à de um movimento social (TOURAINE, 2006; TILLY, 2010). Tal aproximação se dá, tanto em função de pesquisa bibliográfica sobre o movimento agroecológico, como pela observação participante, nas etapas de campo, dos elementos que assim o caracterizam. Por exemplo os movimentos sociais através de suas reivindicações e alcançando sucesso, geram conflitos com os interesses contrários. Sendo necessário uma maior centralidade da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) nos processos atribuídos ao movimento agroecológico.

Paulo Petersen e Sílvio Almeida (2006) relacionam o surgimento do movimento agroecológico ao momento atual na trajetória dos movimentos sociais no campo, marcado por três principais características: 1) a conexão das iniciativas de organizações de produtores familiares em diferentes regiões do país, que era mais limitada num passado recente no qual boa parte das motivações para as mobilizações era de nível local; 2) os consensos ocasionados pelas múltiplas formas de expressão das organizações sociais possibilitam a criação de projetos estratégicos, que abarcam como novidade a dimensão da sustentabilidade socioambiental da produção familiar; 3) a concomitância da incorporação, pelas organizações de produtores familiares, da crítica ao modelo imposto pela modernização agrícola e da emergência de processos sociais descentralizados voltados para experimentação em tecnologias alternativas para a agricultura, para a autonomia dos agricultores e preservação do meio ambiente, que possibilitam a emergência de um movimento nacional com bases nos processos locais e em suas articulações ao longo do tempo.

Levando em conta a Agroecologia, é importante ressaltar que além da dimensão que a caracteriza como um movimento social, a mesma é também pensada como ciência e como prática (WEZEL et al., 2009). O movimento agroecológico, se inicia na década de 1980 com as mobilizações em prol da Agricultura Alternativa e tem como um dos desdobramentos a utilização do termo Agroecologia no Brasil em meados dos anos 1990 e que nos anos 2000, após os

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

processos que originaram o I Encontro Nacional de Agroecologia, fica conhecido por movimento agroecológico. Os autores em questão defendem a existência de um movimento agroecológico brasileiro, mas não de forma rígida e institucionalizada, mas como um arranjo de organizações em rede que buscam articular processos em variados níveis de escala (PRATES, 2016).

Para os autores, esse movimento se caracteriza por divulgar os processos locais/regionais, proporcionar a interação entre diversas organizações de base e movimentos de massa dos produtores familiares, associar um crescente número de sujeitos vinculados a instituições oficiais que atuam na área de desenvolvimento no campo, e garantir a autonomia da agricultura familiar (PETERSEN; ALMEIDA, 2006, p.6).

Logo, o movimento agroecológico pressiona para uma maior aproximação entre as instituições de pesquisa e os grupos socialmente excluídos. Neste cenário, existe uma convocatória de organizações sociais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) e Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) para que os pesquisadores em Agroecologia assumam o papel de pensadores politizados, capazes de contribuir para a formação de agentes de transformação social.

Em decorrência de iniciativas de movimentos sociais ligados ao campo, conquistas importantes foram alcançadas em nível de Brasil, a exemplo o MST que muito contribuiu para o aumento expressivo na consolidação de políticas públicas ou mesmo cursos formais de graduação e Pós-Graduação em Agroecologia (BORSATTO e CARMO, 2013). O movimento intitulado “Marcha das Margaridas” também muito contribuiu desde seu início em suas reivindicações, programas e políticas voltadas para o fortalecimento da Agroecologia. Outro fato que merece atenção é a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) instituída pelo Decreto Presidencial nº 7.794 de 20 de agosto de 2012. Ou seja, é necessário traduzir conhecimentos e reivindicações em políticas públicas.

O engajamento para fomentar demandas políticas e sociais é importante já que frequentemente observa-se um jogo de interesses, onde sobressaem os de

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

caráter político econômico em detrimento daqueles de caráter social, humanitário e ambiental. Percebe-se, também, uma simplificação generalizada que despolitiza os problemas ambientais e que recai em uma crescente concentração de renda e segregação social. Por exemplo, embora a produção de alimentos seja maior que a capacidade de consumo, a maioria das pessoas do planeta enfrentam problemas relacionados à segurança alimentar e nutricional (FRANCIS et al., 2003).

A manutenção das desigualdades sociais existentes agrava a situação de crise ambiental, dificulta o equilíbrio do sistema ecológico e do sistema agroalimentar dos quais somos estritamente dependentes. É preciso enfatizar que insistir na legitimidade e manutenção do modelo agroalimentar dominante é compactuar com a falta de compromisso referente à qualidade de vida da humanidade, pois tal modelo é desprovido de sustentabilidade (TOLEDO, 2013; MACHÍN SOSA et al.,2012).

2.2 Bem Viver e mudança de paradigma

Por muito tempo o desenvolvimento foi reduzido a crescimento econômico, mas essa visão não garante avanço social. O desenvolvimento depende também das relações de conflito, cooperação e reciprocidade entre atores sociais, políticos e culturais, de modo que indicadores econômicos isolados não são suficientes para medir o progresso de um território (CAPRA, 2006). Estudos mostram que o crescimento econômico não resolve automaticamente problemas como pobreza, poluição e esgotamento de recursos. O desenvolvimento efetivo ocorre quando há melhoria na educação, saúde, segurança e preservação ambiental (MAX-NEFF, 2001).

O desenvolvimento sustentável busca atender às necessidades da geração presente sem comprometer as futuras (OLIVEIRA; MELLO, 2006; CAVALCANTI, 2003). No entanto, o modelo predominante tem se mostrado ecologicamente predatório, socialmente desigual, politicamente injusto, culturalmente alienado e eticamente problemático quanto aos direitos humanos e das demais espécies (GRIMM, 2010). Os temas centrais desse debate envolvem preservação da natureza, gestão ambiental, crise ecológica global e conservação, que não podem

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

ser tratados apenas como bens econômicos sob risco de insustentabilidade (OLIVEIRA E SOUZA-LIMA, 2006).

A relação entre capitalismo e desenvolvimento sustentável é vista por alguns autores como contraditória e enganadora. O crescimento predatório impede a sustentabilidade e, se não houvesse crise ecológica, o conceito de desenvolvimento sustentável sequer existiria (SANTOS, 2017). O capitalismo promove inovação e produtividade, mas muitas vezes em conflito com qualidade de vida e bem-estar (SANTOS, 2017).

Nesse contexto surge o paradigma do “Bem Viver” ou Buen Viver, que implica a reconstituição da identidade cultural, a recuperação de saberes tradicionais, a soberania nacional e novas relações comunitárias com a natureza, substituindo a acumulação ilimitada pelo equilíbrio com o meio ambiente (MAMANI, 2010). Ele representa uma mudança de paradigma que deixa de colocar o homem no centro e passa a valorizar a relação entre sociedade e natureza, reforçando coletividade e solidariedade.

O debate sobre o Bem Viver cresceu nos últimos anos como alternativa à visão clássica de desenvolvimento baseada na acumulação de riqueza e consumo ilimitado (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017). Para Mamani (2010) e Quijano (2000), a lógica do desenvolvimento capitalista impõe um padrão hegemônico que gera pobreza e subordinação cultural. Já o pós-desenvolvimento defende que existem outras formas de alcançar melhores condições de vida, visíveis nas práticas de povos tradicionais e movimentos sociais, que priorizam preservação ambiental e diversidade cultural em vez de produtividade e crescimento econômico (FREITAS et al., 2016).

O Bem Viver é, portanto, mais do que uma condição material ou de saúde: é um estado de felicidade ligado a padrões culturais distintos, que integra dimensões sociais, ambientais e políticas. Ele transcende o conceito de qualidade de vida ao priorizar o bem comum e limitar o consumo quantitativo para garantir equidade e felicidade comunitária (ALCÂNTARA, SAMPAIO, 2017; SEZYSHTA, 2018). Essa perspectiva se aproxima das iniciativas que buscam modos de vida baseados na suficiência e na relação equilibrada com a natureza, exigindo indicadores acessíveis

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

e construídos com as próprias comunidades e movimentos sociais (ALCÂNTARA, SAMPAIO, 2017). Espera-se que o debate sobre o Bem Viver estimule reflexões individuais e coletivas para construir alternativas mais sustentáveis de desenvolvimento.

2.3 Agroecologia: saberes e práticas locais como componentes do Bem Viver

Agroecologia se consolida na crise civilizatória como ciência alinhada à filosofia do Bem-Viver, propondo alternativas orientadas para a vida e a superação lógica egoísta do capitalismo. Ela defende uma economia social e solidária, baseada nas relações de produção, eficiência e qualidade, em oposição à livre concorrência, que gera competição predatória (SANTOS, 2017; ACOSTA, 2009).

Como prática de agricultura sustentável, a agroecologia melhora os recursos naturais ao entender o funcionamento dos agroecossistemas e potencializar as interações ecológicas e a fertilidade do solo sem uso de fertilizantes minerais ou agrotóxicos (SANTOS, 2017). Além disso, considera a cadeia produtiva e as particularidades socioeconômicas e culturais locais, adotando uma visão sistêmica que integra aspectos ambientais, sociais, culturais, éticos e políticos (ASSIS, 2006). O diferencial é que as pessoas e seu modo de pensar passam a ser vistas dentro do processo, considerando e dando legitimidade ao conhecimento cultural e experimental do agricultor (VIEITES, 2010).

O diferencial é que o agricultor e seu modo de pensar passam a ser vistos dentro do processo, considerando e dando legitimidade ao conhecimento cultural e experimental do agricultor. O desenvolvimento local se vincula ao desenvolvimento territorial, permitindo compreender os impactos da globalização e criar oportunidades de interação coletiva que articulem vida, cultura e economia (VIEITES, 2010; VIEIRA, 2006). Nesse sentido, a agroecologia fortalece a participação cidadã quando os atores locais conseguem traduzir suas demandas em ações efetivas (SANCHES, 2011).

As estratégias de agricultura sustentável devem partir do saber local, reconhecendo diferenças e especificidades da comunidade e gerando novos conhecimentos pelo diálogo. A socialização de saberes permite que os agricultores

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

expressem e interpretem sua realidade, valorizando práticas tradicionais e contrapondo-se à imposição de tecnologias externas. O avanço do conhecimento agroecológico depende de canais de diálogo entre agricultores, técnicos e cientistas, por meio de experimentação participativa e espaços de inovação agroecológica (CAMPOLI, 2011; STAMATO; MOREIRA, 2017; EMBRAPA, 2006).

As estratégias para a evolução do conhecimento agroecológico devem partir do saber local, reconhecendo diferenças e especificidades da comunidade e gerando novos conhecimentos pelo diálogo. A socialização dos saberes permite que os agricultores expressem e interpretem sua realidade; a valorização de práticas tradicionais se contrapõe a tecnologias externas. O avanço do conhecimento agroecológico depende do diálogo entre agricultores, técnicos e cientistas, das tecnologias, por meio da experimentação participativa e conformação de espaços de inovação agroecológica (CAMPOLI, 2011; STAMATO; MOREIRA, 2017; EMBRAPA, 2006).

Para que a transição agroecológica se consolide, são necessários estudos que caracterizem sistemas produtivos e práticas locais, sustentando a visibilidade socioeconômica, ambiental e cultural. Projetos baseados na disseminação de experiências e nas potencialidades locais podem tirar populações da exclusão e integrá-las ao processo produtivo (ASSIS, 2006). A ação local e regional é fundamental para contrapor o controle do capital, preservar a autonomia das comunidades e impedir o avanço de poderes conservadores, especialmente em países subdesenvolvidos (ASSIS, 2003; MULS, 2008).

A agroecologia, ao resgatar o saber local e respeitar a complexidade dos sistemas, articula-se à agricultura familiar, que favorece mercados locais e a aproximação entre produtores, comerciantes e consumidores com interesses comuns (BRAUNER, 2019; OLIVEIRA et al., 2006). Essas articulações, no entanto, só se efetivam com a ação integrada do poder público e da sociedade na construção de soluções sustentáveis baseadas no Bem Viver.

2.4 Sistematização de experiências

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

A sistematização de experiências é um instrumento de transformação social que fortalece a agroecologia ao promover a reflexão crítica sobre vivências concretas. Como metodologia de pesquisa qualitativa e participativa, parte da prática para teorização, gerando conhecimento inovador e servindo de referência para programas, projetos, políticas públicas e ações de extensão rural.

Diversos autores a definem como forma de organizar saberes e práticas de agricultores, aprender com elas e transformá-las em referência para outros atores (BALEM, 2015). Eckert (2009, p. 10) reafirma, dizendo ser um processo de reflexão crítica de uma experiência concreta que provoca processos de aprendizagem. Holiday (2006, p. 24) acrescenta que, a partir do ordenamento e reconstrução das várias experiências, é possível descobrir a lógica do processo vivido e fatores que intervieram. Kubo (2009, p. 143) conclui que a sistematização da prática vai ser o instrumento de transformação social a partir do esforço de prender o significado daquela ação e seus efeitos.

Na prática, a sistematização de experiências permite compreender como os agricultores interpretam sua realidade e desenvolvem estratégias de resistência nas dimensões produtiva (atividades produtivas), social e cultural, possibilitando o compartilhamento de aprendizagem com outros grupos. O produto da sistematização vai além da publicação escrita, ocorrendo durante o processo de aprendizagem e servindo de base para o desenvolvimento rural (HOLIDAY, 2006).

No desenvolvimento rural, os temas a serem sistematizados podem abranger meio ambiente, produção agroecológica, inovação tecnológica, mercados alternativos, sucessão familiar, educação no campo, orientando a coleta de dados e reflexões teóricas (BALEM, 2015). Para Sanches (2011), a sistematização torna visíveis experiências de resistência ao modelo hegemônico de desenvolvimento rural e gera aprendizados que orientam práticas futuras.

Segundo CIDAC e HOLLIDAY (2007, p. 14), suas principais características são produzir conhecimento a partir da experiência, mas indo além dela; recuperar o processo vivido por meio da reconstrução histórica; valorizar os saberes dos sujeitos envolvidos; identificar mudanças ocorridas e suas causas; construir uma visão crítica que oriente experiências futuras com perspectiva transformadora; complementar

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

avaliação e investigação, contribuindo para a interpretação crítica; registrar narrativas, descrições, memórias e dados, formando base para análise e ter os participantes da experiência como protagonistas, mesmo com apoio externo.

3. Metodologia

3.1 Caracterização da área de estudo

A pesquisa foi realizada com o grupo Bem Viver, localizado no município de Cacoal, porção centro-leste do estado de Rondônia. O município possui população estimada de 85.359 habitantes, sendo o quinto mais populoso do estado e o terceiro em densidade demográfica, com 20,72 hab/km². Situa-se a 445 km de Porto Velho, capital do estado - IBGE, 2010. O clima predominante é quente, com temperatura média anual de 24 °C e índice pluviométrico de 1.900 mm/ano - CLIMATOLOGIA PARA CACOAL-RO, 2020.

Cacoal está inserido na fronteira agrícola amazônica e possui forte base rural, que representa 20% da população total. Dados do Censo Agropecuário - IBGE, 2017, indicam que Rondônia possui 74.329 estabelecimentos agropecuários caracterizados como agricultura familiar, correspondendo a 81,3% do total do estado. Destes, 15.998 estão localizados em Cacoal, contexto no qual o grupo Bem Viver desenvolve práticas de agricultura agroecológica.

O município destaca-se na produção de alimentos, com mais de cinco mil propriedades rurais de pequenos agricultores que comercializam nas feiras livres e no comércio local (PREFEITURA DE CACOAL, 2021). A base econômica agrícola é o café, com destaque também para mandioca, milho e banana, que somaram 16.536 toneladas em lavouras temporárias e permanentes (IBGE, 2017). Em 2017, 70 famílias que trabalham com agroecologia foram atendidas pela EMATER-RO - Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural - PROATER, 2017.

As famílias que compõem o grupo Bem Viver residem entre 30 e 40 km da zona urbana. Cada família trabalha em média com 24 hectares de terra, geralmente divididos entre os membros familiares.

3.2 Delineamento metodológico

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

A pesquisa adotou a sistematização de experiência como abordagem metodológica, fundamentada na proposta de Oscar Jara Holliday - 2007, com adaptações ao contexto do grupo estudado. O processo foi construído a partir da pesquisa documental e do diálogo contínuo com os atores envolvidos, considerando não apenas o período da pesquisa, mas também os anos que antecederam o processo, com o objetivo de identificar aprendizados e recuperar os esforços coletivos do grupo.

Primeira etapa: vivência inicial do grupo, determinação do eixo de pesquisa e levantamento documental do grupo, analisando atas de reuniões, registros de monitoramento e planejamento, relatórios de pesquisa, participação em programas de formação, além de registros visuais e vídeos. Paralelamente, foram realizadas entrevistas informais e diálogos com os agricultores, aliadas à vivência nas atividades do grupo, visando identificar as práticas a serem sistematizadas.

Para a determinação do tema da pesquisa, foi confeccionado o roteiro da proposta de sistematização e feita a comunicação aos agricultores a respeito das ações do projeto, com o objetivo de verificar o interesse de participação. Com a adesão dos agricultores que aceitaram a proposta, ocorreu o primeiro contato com a comunidade, destinado a conhecer os membros, promover a socialização de todos os envolvidos e apresentar a proposta do projeto. Para definir o eixo de sistematização, decidiu-se coletivamente uma data para apresentação das propostas, momento em que cada produtor refletiria sobre as práticas de interesse a serem sistematizadas. As práticas escolhidas seriam as mais votadas.

O processo ocorreu por meio de roda de conversação e discussão sobre práticas agroecológicas vivenciadas e passíveis de melhoria no âmbito da agricultura familiar agroecológica. O encontro contou ainda com uma prática com participação de todos os envolvidos, como forma de fortalecer o processo e determinar o eixo de sistematização, como apresentado na Figura 1, ocorreu por meio de metodologia participativa com aplicação de técnicas combinadas.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Figura 1. Registros da escolha do eixo de sistematização. A) Itens abordados B) Discussão e escolha dos temas.



Fonte: Pereira, F. S. **Fonte**: Martins, G.

Conforme demonstrado nas imagens, as pessoas foram separadas em grupos e registraram em cartolina os pontos importantes para se trabalhar. Cada grupo apresentou os pontos levantados. Houve a organização das propostas em tópicos no papel Kraft e a decisão em grupo por votação direta, considerando similaridade e quantidade de votos. Como resultado, o eixo de sistematização escolhido foi manejo do solo e diversificação de produção das práticas agroecológicas.

No mesmo dia foi discutida e definida uma agenda de trabalho, estabelecendo os dias de realização das atividades e a forma de condução do processo. Para facilitar a comunicação, foram criados dois grupos virtuais de WhatsApp, sendo um para tratar assuntos do projeto e outro informativo do grupo. Durante todas as ações descritas, foi realizado um diagnóstico inicial sobre o grupo com a finalidade de facilitar o registro das experiências e o processo de reconstrução histórica. Esse diagnóstico foi feito por meio da vivência, conversação e entrevistas informais.

Segunda etapa: foram realizadas as visitas às hortas para acompanhamento do manejo do solo e da diversificação de plantas, com observação e questionamentos sobre os métodos de produção, promovendo a troca de saberes; Aplicação de formulário para registro das atividades desenvolvidas nas hortas; Criação de grupo de comunicação virtual para compartilhamento de vivências e realizações do projeto.

As visitas técnicas foram realizadas em 12 hortas, das quais 10 eram cobertas e 2 não possuíam cobertura. O tipo de cobertura característico utilizado na região é

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

a lona transparente, que, segundo os agricultores, é essencial para manter a produção durante todo o ano. Das duas hortas sem cobertura, uma utiliza sistema de mandala e a outra estava em processo inicial de implantação. Durante as visitas, houve a descrição de aspectos relacionados à diversificação e ao manejo do solo.

O objetivo dessa etapa foi identificar aspectos positivos e negativos dentro dos sistemas de produção para que fossem sistematizados e, ao mesmo tempo, permitir que os agricultores e agricultoras valorizassem sua produção agroecológica por meio da elevação da autoestima. Para determinar as lições e conhecimentos gerados à sistematização de experiências, foram feitos registros e verificadas as práticas nas hortas, a partir da distribuição de formulários diários e semanais.

Terceira etapa: foi realizada a reflexão crítica sobre as práticas vivenciadas. Realizada para esse fim uma reunião específica para compartilhar e reforçar os aprendizados das visitas técnicas, seguida de análise comparativa do antes e depois do processo de sistematização. Foram identificadas a motivação inicial dos agricultores, as principais ações realizadas, os conteúdos trabalhados, a evolução nos aspectos produtivos, econômicos e sociais, as dificuldades encontradas e as novas formas de participação geradas.

Quarta etapa: procedeu-se à reconstrução do processo por meio de entrevistas semiestruturadas baseadas no diálogo, que culminaram na elaboração do “Rio do Tempo”. Nessa fase, relacionaram-se os fatos da experiência com o ordenamento e a classificação das informações, utilizando roteiro de interpretação crítica previsto na metodologia.

Quinta etapa: consistiu na formulação das conclusões do processo e compartilhamento dos aprendizados, com destaque para os resultados concretos da articulação entre o grupo e demais envolvidos. Foram elaboradas propostas para o compartilhamento das experiências, visando à retroalimentação do grupo e à comunicação dos aprendizados construídos coletivamente.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

4. Resultados e Discussão

4.1 Aprendizados

Verificou-se que as informações dentro do grupo eram repassadas de um vizinho para o outro. Para facilitar a comunicação e a troca de informações relativas às atividades desenvolvidas no grupo, incluindo fatos referentes ao projeto, foram criados dois grupos de WhatsApp. Um dos grupos foi nomeado "Bem Viver".

O grupo de WhatsApp foi criado para facilitar a comunicação, a troca de informações e as decisões sobre o projeto, garantindo a participação de todos. Desde sua implantação, o número de participantes cresceu para 30, incluindo agricultores, pesquisadores, representantes sindicais e outros profissionais. Pelo menos um integrante de cada família agricultora passou a ter acesso direto às informações.

Observou-se aumento da autonomia dos membros, especialmente agricultores, com compartilhamento frequente de imagens e vídeos sobre alimentos comercializados em feiras, hortas, matérias da imprensa, orientações técnicas e experiências. O espaço também é usado para divulgar cursos, convites para exposições e agendar reuniões.

A maioria das postagens relaciona-se à agroecologia, mas há trocas de informações e contatos diversas, sempre alinhadas ao interesse do “Bem Viver”. O aplicativo mantém os participantes atualizados sobre notícias, eventos e demandas do grupo. No contexto estudado, o WhatsApp tornou-se ferramenta central para ampliar o acesso à informação no meio rural, facilitando interações entre agricultores, pesquisadores e demais integrantes. Fornece informações úteis para melhoria da produção a partir da realidade de cada unidade.

O grupo é composto majoritariamente por mulheres e jovens, de modo que o uso do aplicativo fortalece a autonomia desses sujeitos, fundamentais para a manutenção das atividades no campo. Ressalta-se que outras formas de comunicação, como visitas, ligações e reuniões, permanecem relevantes. O principal desafio para mediadores é apropriar-se da ferramenta e construir diálogo horizontal, reconhecendo os agricultores como sujeitos e atendendo demandas sem comprometer horários de trabalho.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Durante a pandemia de COVID-19, o WhatsApp foi essencial na etapa final do projeto, dispensando encontros presenciais. Os horticultores responderam às questões com independência e disponibilidade, respeitando-se os interesses e o tempo do grupo. Reuniões são feitas mensalmente para estabelecer convivência, discutir vivências, compartilhar notícias e estabelecer metas.

Nos contatos iniciais com o grupo Bem Viver, constatou-se que este permanece na informalidade. Segundo os agricultores, os custos envolvidos na certificação dos produtos são elevados, tornando-se desvantajosa a formalização para pequenos produtores. As despesas com certificação, pagas anualmente, oscilam entre R$ 2.500 e R$15.000, conforme a complexidade do projeto e a auditoria exigida. Ademais, o acesso dos agricultores familiares aos mercados interno e externo de orgânicos é restrito, favorecendo, em maior escala, os empreendimentos de grande porte e estruturados.

Em 2013, o grupo aderiu à Organização de Controle Social (OCS), mecanismo previsto para pequenos produtores e baseado na fiscalização mútua entre agricultores de uma mesma região. Essa organização pode constituir-se como grupo, associação, cooperativa ou consórcio de agricultores familiares, sem exigência de personalidade jurídica. Nesse cenário, evidenciou-se a relevância dos mercados locais para a comercialização de orgânicos, sendo a OCS fundamental para estabelecer relações de confiança nas transações comerciais do Bem Viver.

O grupo possui representatividade expressiva, composto por 16 famílias, das quais 10 atuam com agroecologia. Todavia, para elevar o nível de aprendizado da proposta sistematizadora, são necessários esforços voltados à valorização das ações dos agricultores e à adequação da abordagem das práticas a serem sistematizadas. Embora tenham demonstrado certa timidez nos encontros iniciais, isso não comprometeu o interesse pela participação e pela aquisição de conhecimento. Caracteriza-se como um grupo heterogêneo, integrado por mulheres, homens e jovens, com notório protagonismo feminino nas atividades da horta.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Figura 2. Práticas e ações do núcleo agroecológico Bem Viver.



Fonte: Pereira, F. S.

A figura 2, mostra as práticas e ações do núcleo agroecológico Bem Viver, que foram se evidenciando durante os anos. Em diálogo com os agricultores, constatou-se que o conhecimento é melhor assimilado por meio da articulação entre prática e diálogo, seguida de registro e discussão coletiva voltada ao aprimoramento do manejo do solo, das práticas agroecológicas e da diversificação produtiva. No âmbito educativo, observa-se transdisciplinaridade, interação entre saberes populares e acadêmicos, abordagem da agroecologia sob múltiplos campos disciplinares e construção coletiva do conhecimento, ainda que persistam limitações conceituais a serem ampliadas. Quanto aos processos, verifica-se a interlocução entre saberes populares, acadêmicos e a construção coletiva do conhecimento agroecológico.

Ao longo dos anos, o grupo Bem Viver fortaleceu-se por meio de parcerias com instituições religiosas e universidades. A Igreja Católica iniciou sua atuação via Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Projeto Padre Ezequiel Ramim. A organização do grupo atraiu a atenção da Igreja para desenvolver práticas e saberes em

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

agroecologia, fomentando mudanças de conduta na agricultura e a difusão de conhecimento pela troca de experiências. É recorrente a presença de docentes universitários, estudantes-pesquisadores e filhos de agricultores em formação, além de pesquisadores de outras áreas com afinidade pela agroecologia.

Internamente, o grupo estrutura-se com coordenador, vice, tesoureiro e articulador social. Suas bases conceituais e metodológicas fundamentam-se na interdisciplinaridade, em metodologias colaborativas, no diálogo intercultural e em ações de transformação social, ambiental e cognitiva, articuladas às lutas por saúde, dignidade e direitos territoriais no campo. As parcerias propiciam troca de informações que qualificam a produção familiar e as práticas desenvolvidas.

As parcerias evidenciam aproximação entre organizações sociais, agricultores e universidades. Sob perspectiva horizontal, os agricultores possuem autonomia decisória. As relações pautam-se em princípios agroecológicos como confiança, paciência, tolerância, alegria e afeto. A coordenação é compartilhada: há um coordenador, porém, as decisões são coletivas. Utilizam-se metodologias participativas que reconhecem os integrantes como sujeitos ativos, não meros receptores, promovendo efetiva troca de saberes.

O processo de sistematização avançou por meio de ações que relacionaram os métodos produtivos dos agricultores, articulando dados das visitas, questionários e diálogos com informações complementares. Foi fortalecido pelo compartilhamento de ideias em reuniões, designadas ou não para esse fim, assegurando a todos o direito de expor suas formas de produção. Assim, alcançou-se o objetivo de socializar conhecimento sem discriminação, possibilitando a identificação de melhorias nos métodos produtivos.

4.2 Práticas agroecológicas

A sistematização de experiências priorizou práticas escolhidas coletivamente pelo grupo, com ênfase em manejo de solo e diversificação produtiva, dada a centralidade da participação na decisão. Constatou-se, nas visitas, que as estratégias de manejo do solo e de diversificação são definidas pelos horticultores com base em conhecimento observacional e experimental próprio. A diversificação

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

envolve ampliação da diversidade genética, cultivos mistos, rotação de culturas, sistemas agroflorestais e paisagens diversificadas no entorno das áreas cultivadas. Tais estratégias, típicas de agroecossistemas sustentáveis, reduzem insumos convencionais e otimizam rendimentos e serviços ecossistêmicos.

As hortas visitadas revelaram expressiva diversidade vegetal: identificaram-se 16 variedades de hortaliças, 8 de condimentares, 12 de medicinais, 7 utilizadas na adubação e 2 de flores. A maioria das hortas possuía ao menos 8 espécies de hortaliças. As condimentares, exceto cebola-roxa e alho, estavam presentes em todas. As medicinais variaram entre as propriedades. As espécies para adubação não apresentaram diversidade em todas as hortas, e a ocorrência de flores foi reduzida. Esses aspectos foram sistematizados, com ênfase nas plantas de adubação e floríferas.

A atividade sistematizadora concentrou-se, contudo, no manejo interno das hortas. Destaques das observações de campo foram:

a) Adubação orgânica

Nas hortas, utilizam-se como adubo verde mamona, margaridão, crotalária, gliricídia, leucena, mucuna-preta e feijão-guandu, espécies pertencentes a trepadeiras floríferas, oleaginosas e leguminosas. Trata-se de prática eficiente na horticultura alternativa, por fornecer nutrientes e incorporar matéria orgânica diretamente à área cultivada. Feijão-guandu e feijão-de-porco são usados na adubação, em cobertura ou para descompactar o solo e disponibilizar nutrientes. A mucuna-preta também atua no controle de pragas; A mamona, margaridão, crotalária, mucuna-preta, leucena e gliricídia são usadas em cobertura ou no preparo de biofertilizantes.

Destacam-se as leguminosas, que geram elevada biomassa e associam-se a bactérias fixadoras de nitrogênio atmosférico, disponibilizando-o às demais espécies. A crotalária, além da fixação de nitrogênio, auxilia no controle de nematoides. O margaridão, trepadeira florífera, incrementa biomassa rica em nitrogênio, potássio e cálcio, e suas flores atraem polinizadores, ampliando a biodiversidade. A escolha das espécies deve considerar clima, solo e manejo das culturas.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

No grupo Bem Viver, as leguminosas são empregadas conforme a necessidade de cada horta. Sobressaíram feijão-guandu e mucuna-preta pela facilidade de manejo, enquanto a leucena é menos utilizada devido à alta capacidade de regeneração natural e à exigência de tratos culturais intensivos.

Quando incorporada ao solo, a decomposição acelera-se pela ação microbiana e a mineralização dos nutrientes é mais rápida, procedimento indicado para estabilizar canteiros em implantação ou para repor fertilidade. Para manter o solo adubado e úmido, recomenda-se apenas a cobertura superficial. Crotalária, feijão-guandu e feijão-de-porco são os mais usados para melhoria das propriedades físicas do solo.

No consórcio com hortaliças, deve-se observar porte e época de plantio do adubo verde para evitar competição. Observou-se ainda que, para maior proteção do solo, indicam-se espécies com decomposição lenta e alta relação C/N, que mantêm a palhada por mais tempo. Relações C/N baixas resultam em mineralização rápida do nitrogênio.

Os adubos orgânicos são essenciais em sistemas de produção de base ecológica. De origem animal ou vegetal, nas formas sólida ou líquida, fornecem nutrientes às plantas, fertilizam o solo, melhoram a aeração, regulam a umidade e ativam a microbiota edáfica. Os agricultores do grupo Bem Viver utilizam predominantemente adubos sólidos na forma de compostagem, produzidos a partir de resíduos animais e vegetais: palhada viva ou morta, geralmente capim e folhas de frutíferas como mangueira, ingazeira, bananeira, cana-de-açúcar e leguminosas como mucuna-preta, feijão-de-porco, mamona e leucena.

Essa modalidade é preferida para preparo dos canteiros ou aplicação direta na cova no momento do plantio. Também aplicam resíduos in natura ao solo, aguardando sua decomposição, seguida, na maioria dos casos, de cobertura com palhada. Empregam ainda biofertilizante líquido, resultante da decomposição de elementos como esterco bovino, esterco de galinha, açúcar mascavo, urina de vaca, banana, mamona e água. A formulação varia conforme a disponibilidade de insumos e as necessidades específicas de cada horticultor.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

b) Rotação de culturas.

Realiza-se rotação de culturas a cada ciclo; quando inviável, reforça-se a adubação do canteiro e emprega-se técnica de corte e revolvimento simultâneo do solo; na rotação de culturas, os adubos verdes são semeados na área, entre ou ao lado da cultura principal, e cortados na floração. A biomassa pode permanecer sobre o solo ou ser disposta nos canteiros: a decomposição lenta assegura cobertura, conservação da umidade, estabilidade térmica, proteção contra erosão e efeitos supressores ou alelopáticos sobre espontâneas.

A consorciação é realizada por diversificação espacial; conforme o arranjo espacial das culturas, os consórcios tornam-se mais eficientes na captação de luz, água e nutrientes, antecipando o uso de recursos e restringindo o estabelecimento e o crescimento de plantas invasoras.

c) Cercas vivas

Nas laterais dos canteiros, cultivam-se plantas-barreira como erva-cidreira, hortelã, alecrim, mastruz, mamona, carqueja e orégano; cercas-vivas incluem bordas com amor-perfeito, moça-velha, citronela e espécies de porte maior, como margaridão e mamona, além de hortaliças de maior porte;

d) Diversidade em sistemas de plantio

Embora diversas, as espécies olerícolas eram semelhantes entre os sistemas; O sistema agroecológico das hortas é altamente diversificado, abrangendo hortaliças, ornamentais e medicinais, inclusive espécies com efeitos alelopáticos e plantas espontâneas; de modo geral, as hortas apresentaram elevada diversidade, adequada à replicação em hortas individuais.

e) Plantas espontâneas como indicadoras em sistema diversificado.

Em termos agroecológicos, plantas espontâneas são espécies que surgem naturalmente na área de cultivo, podendo ser nativas ou exóticas já estabelecidas. Em sistemas diversificados, a vegetação espontânea contribui para a ciclagem de nutrientes móveis e para a proteção do solo contra erosão. Favorece ainda a redução

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

da incidência de pragas e o aumento da atividade de inimigos naturais na horta. Determinadas espécies espontâneas atuam como bioindicadoras, sinalizando solos pobres ou com desequilíbrio nutricional.

Figura 3. Variedades etnobotânicas de plantas espontâneas indicadora de solos pobres ou com desequilíbrio de nutrientes conforme relata o grupo Bem Viver.

Plantas espontâneas	Características indicadoras
Picão- preto	Muito eficiente no aproveitamento de água no solo. Boa capacidade de acúmulo de nitrogênio e fósforo.
Capim Brachiaria	Menos exigente em termos de fertilidade do solo. Melhoria nas propriedades física, química e biológica do solo.
Carrapicho	Aparecem em solos com deficiência de cálcio. Possui efeito alelopático para outras plantas. Indica solos erodidos, descaídos e compactados.
Guanxuma	Apresentando baixo crescimento, indica que o solo é pouco fértil. Terras degradas e compactadas.
Sapé	Indica solos ácidos.
Tiririca	Indica solo ácido com carência de magnésio.
Urtiga	A sua presença indica que p solo é fértil e rico em fosfato e nitrogênio. Mas também pode indicar que esse solo está com pH ácido e deficiência carência em cobre.
Trapoeraba	Quando o crescimento é limitado indica que o solo está pobre em nutriente e a cor das suas folhas ficam claras.
Maria-moura ou erva-preta	Plantas capazes de assimilar metais pesados do solo.
Fedegoso	A planta não se desenvolve em solos de baixa fertilidade.
Juá	Emerge nos locais mais úmidos.
Amendoim bravo ou leiteira	Desequilíbrio entre nitrogênio (N) e micronutrientes, sobretudo molibdênio (Mo) e cobre (Cu)
Caruru	Indica terra bem estruturada com bom teor de matéria orgânica.

Fonte: Pereira, F.S.

f) Diversidade, polinizadores e riqueza floral.

A riqueza floral foi destacada pelos horticultores como fundamental para o serviço agroecossistêmico e para sustentar a polinização por polinizadores não

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

manejados, mantendo comunidades com diferentes preferências e níveis de especialização. Polinizadores são móveis e respondem bem ao aumento da diversidade vegetal, ampliando o serviço de polinização.

Segundo os agricultores, o manejo orgânico, as plantas espontâneas, faixas de forrageiras, cercas vivas, consórcios e policultivos aumentaram a diversidade floral e a chegada de polinizadores. Garibaldi et al., (2014), e Rader et al., (2015), confirmam que a riqueza floral é determinante para manter polinizadores, proteger a polinização e conservar habitats.

A sistematização das experiências fortaleceu a resiliência dos agroecossistemas e orientou agricultores a ampliar a diversidade nas hortas com cultivos mistos, rotação e diversificação das bordaduras. Destaca-se a importância da riqueza floral dentro e nas margens das hortas para melhorar a polinização e repelir insetos indesejados.

g) Diversificação, supressão de ervas daninhas e pragas.

Os agricultores utilizam a diversificação, estabelecendo sequência de rotação entre culturas distintas e rotações diversificadas, utilizando espécies com épocas de plantio e colheita, hábitos de crescimento e capacidades competitivas diferentes, fundamental para limitar as condições favoráveis ao desenvolvimento e à reprodução das espontâneas. Essa observação foi confirmada nos trabalhos de Bennett et al. (2012) e Finn et al. (2013), denominada diversificação temporal.

Essa diversificação foi ampliada pelo uso de culturas de cobertura, semeadas antes ou após a cultura principal. Tais coberturas suprimem ervas daninhas ao modificar fatores ambientais que afetam sua germinação e estabelecimento, ao competir por recursos e ao liberar fitotoxinas que reduzem o banco de sementes e propágulos vegetativos.

Estudos demonstram que a diversificação de sistemas de produção com culturas mistas, rotações, misturas varietais e plantações não agrícolas pode reduzir a colonização de pragas e o crescimento populacional delas, ao aumentar a abundância e diversidade de inimigos naturais (QUIJAS, SCHMID, BALVANERA, 2010; CHAPLIN-KRAMER, 2011; KREMEN, MILES, 2012).

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

O principal desafio da diversificação em sistemas intensivos é manter os rendimentos, já que muitas culturas foram selecionadas para produção máxima em cultivo isolado. Zuppinger-Dingley et al. (2014) apontam que, quando aplicada, a diversificação gera ganhos ainda maiores pela complementaridade entre as culturas. Para Brooker et al. (2015), é uma ferramenta eficaz para intensificar a produção e poupar espaço.

4.3 Lições e conhecimento gerados a partir do projeto de sistematização

Conceito de lições aprendidas está ligado à sistematização de experiências, pois a reflexão crítica sobre a prática gera múltiplos aprendizados. Dos dez agricultores participantes, apenas cinco preencheram os formulários entregues; os demais não concluíram. A estratégia não alcançou o objetivo, pois os agricultores relataram dificuldade em assumir mais uma tarefa diária. Contudo, os dados coletados foram aproveitados e debatidos com o grupo nas visitas e reuniões. Durante todo o processo, manteve-se disponibilidade para esclarecer dúvidas. Os formulários semanais envolvendo toda a família não foram preenchidos. Como avaliação, os questionários foram discutidos individualmente com cada agricultor na devolução, promovendo a troca de saberes.

O grupo Bem Viver organiza-se com base na agroecologia e garante a participação de jovens de 15 a 29 anos nas decisões e na produção, com remuneração e autonomia. Mesmo com trajetórias diferentes na educação, todos que vivenciam a agroecologia pretendem permanecer no campo.

Os jovens com ensino superior veem a permanência como forma de fortalecer a agroecologia, melhorar as condições de vida no meio rural e assegurar a sucessão familiar. Eles apontam a necessidade de políticas públicas que valorizem o setor e de espaços que deem continuidade ao trabalho das universidades, além de destacar o desafio da hierarquia familiar, que a agroecologia ajuda a superar.

Os jovens sem ensino médio completo também se dividem entre quem quer fazer cursos para o campo e quem prefere seguir trabalhando no sítio. No conjunto, a formação e a organização do grupo geram consciência sobre a importância de ficar

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

no campo, fortalecem a luta contra o êxodo juvenil e ampliam a visibilidade da agroecologia nos movimentos sociais e espaços de representação.

O grupo Bem Viver é heterogêneo, mas sua formação começou com a mobilização de uma mulher, Fátima, que chegou à região em 2006 e sempre atuou como articuladora da luta agroecológica. A maioria das pessoas que executam as atividades da horta são mulheres. Segundo relato das próprias horticultoras, a agroecologia traz bem-estar e autonomia. A renda da horta garante independência para comprar o que antes não conseguiam. A organização do grupo valoriza o trabalho realizado. Elas sentem orgulho em oferecer alimentos de qualidade para a família e para a comunidade, vendidos em feiras, escolas e outros espaços.

Na transição para a agroecologia, as mulheres foram fundamentais para valorizar a variedade de alimentos, a preservação da biodiversidade e a qualidade da produção, promovendo uma alimentação rica em sabores, cheiros, texturas, história e cultura. Também lideram a rejeição aos agrotóxicos, atentas aos impactos na saúde e no ambiente. No Grupo Bem Viver, há mulheres que se organizam de forma autônoma, participam das dinâmicas sociais e criam condições para ampliar essa participação. Outras ainda são tímidas, mas contribuem pelas práticas agroecológicas e pela luta por bem-estar.

A relação das pessoas com a sociedade é marcada por questões de classe, raça, gênero e sexualidade, que influenciam suas ações. Na agroecologia, é essencial compreender como esses aspectos afetam mulheres, homens e jovens. O trabalho das mulheres nos sistemas agroalimentares é fundamental para a segurança alimentar e nutricional das famílias, mas muitas vezes é invisibilizado. A ausência de divisão do trabalho doméstico, somada ao tempo dedicado à produção, gera sobrecarga e limita a participação feminina em sindicatos, movimentos e associações. Na maioria dos casos, a mulher segue como única responsável pela casa e pelos filhos, enquanto a dominação masculina persiste nas decisões sobre investimentos, uso das áreas produtivas e distribuição da renda.

Diante disso, muitas mulheres se organizam em hortas comunitárias e buscam renda fora da propriedade. Estudos indicam que a produção agroecológica e o aumento da participação política das mulheres têm contribuído para o

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

empoderamento feminino, ampliando sua independência, autoestima e presença fora do espaço doméstico. Essas conquistas, porém, dependem da articulação entre a produção agroecológica, o acesso à informação e estratégias que garantam autonomia econômica e política das mulheres, visando superar a divisão sexual do trabalho.

No grupo Bem Viver, é realizada a troca de sementes que resgata saberes, valoriza o trabalho e a riqueza do grupo e amplia o debate sobre segurança alimentar. Compartilhar sementes e mudas também é compartilhar conhecimento. Vivemos uma ameaça à agrobiodiversidade. A agricultura moderna, pela mercantilização, acelera a perda de sementes tradicionais com a substituição por cultivares geneticamente modificadas, patenteadas e dependentes de químicos. Por isso, é cada vez mais necessário criar espaços que valorizem e estimulem o cultivo e a troca de sementes crioulas e tradicionais, ligadas à alimentação das comunidades e às culturas e modos de vida locais.

4.3 Sobre o processo vivido

Durante o projeto, a comunidade teve crescimento intelectual, maior empoderamento dos conhecimentos e mais liberdade de expressão. No início, algumas pessoas demonstravam pouca confiança e autoestima, mas já na terceira etapa o grupo passou a reivindicar direitos e reconhecimento pelo trabalho, como o pedido de uma carta para garantir participação igualitária entre agricultores e acadêmicos em projeto regional.

O debate enriqueceu os conhecimentos do grupo e permitiu ajustes ao longo do processo. Além da comunidade base, novas pessoas passaram a frequentar as reuniões, e a criação do ambiente virtual facilitou a comunicação. Os processos produtivos se intensificaram a cada etapa por meio da troca de saberes e da reflexão.

O grupo Bem Viver sempre esteve aberto à sociedade e à comunidade acadêmica, e as famílias participaram com entusiasmo para aprender e melhorar suas práticas agroecológicas. A Igreja Católica e os sindicatos participam dos eventos realizados pelo grupo. As principais ações realizadas foram a inserção da

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

comunidade, o conhecimento do grupo, o resgate da história, visitas técnicas, preenchimento de formulários, reuniões e diálogo pelo WhatsApp.

Houve evolução nos aspectos sociais, econômicos e ambientais. Socialmente, o grupo se fortaleceu, e a reconstrução histórica mostrou conquistas sociais e valorização das práticas agroecológicas, com maior autonomia para mulheres e jovens que viram na agroecologia um meio de conquistar espaços e independência financeira.

Economicamente, a produção agroecológica aumentou a renda familiar, dando independência principalmente a mulheres e jovens. Os produtos agroecológicos passaram a ser valorizados em feiras, mercados e escolas pela qualidade, e a comunicação ampliou o alcance das vendas. Ambientalmente, os produtos são cultivados com cuidado ao solo, aos trabalhadores e à sociedade, e a produção agroecológica e as feiras se apresentam como alternativas sustentáveis, fortalecendo a agricultura familiar para além da questão econômica.

As principais dificuldades foram a resistência de alguns agricultores a novos conhecimentos e o pouco tempo disponível para discussões devido à rotina de trabalho. Apesar disso, todos os produtores reconheceram a importância do projeto. Após a sistematização, eles intensificaram o compartilhamento de aprendizados e demonstraram mais autonomia nas práticas da horta, usando o WhatsApp para mostrar resultados.

4.4 **Reconstrução histórica do grupo Bem Viver**- Percurso “Rio do tempo”

A reconstrução histórica do grupo Bem Viver foi sistematizada no instrumento “Rio do Tempo” (Figura 4). Ele reúne informações coletadas durante o processo sistematizador e registra a trajetória do grupo desde sua formação até as parcerias construídas. O documento destaca a participação central de jovens e mulheres, além das oficinas, cursos de formação técnico-produtivos e sócio organizativos que marcaram o percurso. Esse percurso evidencia a organização, a participação e o fortalecimento do diálogo entre agroecologia e agricultura.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Figura 4. Rio do tempo grupo Bem Viver (Sistematização do percurso do grupo).



Fonte: Almeida et al., 2018. Pereira, F.S.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

A reconstrução histórica associa os principais acontecimentos, conquistas e desafios do grupo nos últimos anos, caracterizando sua trajetória como típica dos movimentos sociais do campo. Os trabalhos desenvolvidos contribuíram para ampliar o conhecimento sobre iniciativas de agricultura agroecológica de base familiar e coletiva no meio rural.

Em 2006, o casal Fátima e Antônio, migrantes do Paraná, chegou à linha 4, em Cacoal-RO. A migração foi motivada pela busca de melhores condições de vida e pelas mudanças provocadas pelas hidrelétricas de Itaipu, que geraram impactos sociais e ambientais na região de origem. Ao chegar em Rondônia, a família passou por Ouro Preto e Mirante da Serra, antes de se fixar em Cacoal. Em todos esses locais aplicou conhecimentos agroecológicos e participou de movimentos sociais. Fátima tráz uma história de militância Circuito Italiano Rural, grupo de pequenos agricultores da região de Curitiba formado predominantemente por mulheres e articulado com universidades e assistência técnica.

Em Mirante da Serra no estado de Rondônia, atuou no Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) fortalecendo sua atuação na luta pela terra, comunicação e organização. Eles criam ações coletivas que resistem à exclusão, geram novas sociais e territórios com formas alternativas de organização trabalho e relação com a terra. A experiência da família de Fatima reflete essa influência, ao dar continuidade à luta com a formação do grupo Bem Viver.

O primeiro contato com a comunidade ocorreu por meio de vizinhos, em encontros mensais de confraternização. As primeiras experiências com agroecologia surgiram a partir de serviços prestados à família de Fátima e Antônio, que passaram a orientar os vizinhos na implantação de hortas próprias.

Em 2008 Fátima propôs reuniões para discutir a sustentabilidade das hortas, com foco no monitoramento dos quintais para evitar o uso de agrotóxicos. Nesse período, o grupo recebeu visitas da associação local, do grupo de reflexão da igreja católica e da EMATER. Neste período o grupo começou a chamar atenção pela autonomia em suas realizações. Os agricultores passaram a ter mais autonomia, especialmente das mulheres, que encontraram na horta uma forma de gerar renda.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Em 2009, o grupo Bem Viver iniciou a comercialização dos produtos, participando de feiras agroecológicas, eventos e cursos de aperfeiçoamento em agroecologia. Também houve a inserção do projeto Padre Ezequiel e a participação comissão Pastoral da Terra (CPT). A feira semanal trouxe impactos sociais e econômicos significativos. Contribuiu para o bem estar dos agricultores, para a melhoria da qualidade de vida e saúde da comunidade e para o aumento da renda familiar. Agricultores relatam que a situação socioeconômica melhorou após a adesão à agroecologia, em contraste com experiencias negativas no modelo convencional de produção, marcado pelo uso de insumos contaminados por agrotóxicos que prejudicam o desenvolvimento das plantas.

A comercialização dos produtos permitiu que algumas famílias eletrodomésticos, veículos e outros bens. A feira se consolidou como espaço de comercialização solidária, ampliando o acesso ao mercado e organizando os produtores para a certificação participativa OCS. O aumento no volume de vendas gerou satisfação dos agricultores, reduziu o desejo de abandonar o campo e reforçou o compromisso com meio ambiente por meio da oferta de produtos mais saudáveis;

No espaço da feira é comum a troca de produtos entre os feirantes, o que fortalece os laços de solidariedade e facilita ações coletivas, como a definição dos preços. Essasa experiências mostram que os agricultores familiares desenvolvem uma independência em relação ao estado, diferentemente do modelo convencional que depende de subsídios.

As políticas públicas são importantes para fortalecer agricultura familiar, mas as estratégias desenvolvidas pelo grupo demonstram capacidade de organização e autonomia. No caso do Bem Viver a interferência estatal foi pontual e bem recebida, resultado da organização social do grupo.

Em 2010, o grupo aderiu o projeto de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), tecnologia voltada à melhoria da qualidade de vida, inclusão social e geração de renda no campo, baseada na preservação ambiental e na integração entre criação animal e produção orgânica. No mesmo ano, intensificou-se a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Projeto Terra sem Male (PTSM). O PTSM é uma ação participativa construída por famílias agricultoras de

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

Rondônia em parceria com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Projeto Padre Ezequiel, com o objetivo de desenvolver práticas e conhecimentos em Agroecologia e promover a troca de experiências. A partir dessa etapa, as ações do grupo se consolidam, com acompanhamento que reforça a responsabilidade social e ambiental.

Entre 2012 e 2013, o grupo se autodeterminou Bem Viver e, por meio da Organização de Controle Social (OCS), passou a documentar a produção orgânica participativa, garantindo a qualidade dos produtos para venda direta. Nesse período, as reuniões começaram a ser registradas em atas, com fotos e lista de presença, e o grupo passou a receber apoio do município para infraestrutura.

Entre 2014 a 2020, houve ampliação da participação de instituições externas. Destaca-se a atuação do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) que ofereceu cursos sobre hortas orgânicas e de empreendedorismo rural, abordando gestão da propriedade, sucessão familiar, aspectos jurídicos e desenvolvimento humano. Também foram realizadas oficinas internas, participação em eventos e palestras ministradas por membros do grupo, adultos e jovens, divulgando as experiencias em agroecologia dentro e fora do estado.

Em 2014, definiu-se que as reuniões de confraternização, informação e planejamento ocorreriam mensalmente. As reuniões da CPT, iniciadas em 2009 passaram a ser realizadas anualmente com foco na orientação e nos fortalecimentos das ações do grupo.

Outro evento que passou a integrar a trajetória do grupo foi a troca de sementes, acompanhada de cursos de formação com a presença de pesquisadores e outas instituições. A troca de sementes constitui um espaço de reconhecimento dos trabalhos e as riquezas do grupo, ampliando o debate sobre a segurança alimentar e promovendo o compartilhamento de saberes por meio da troca de sementes e mudas.

Em 2019, a comunicação via grupo de WhatsApp conferiu maior autonomia ao uso da tecnologia. O grupo passou a elaborar informativos e esclarecer dúvidas sem a necessidade de encontros presenciais. Durante a pandemia de Covid-19, essa comunicação foi fundamental para amenizar os impactos sociais, mantendo a

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

articulação entre os membros. A partir dessa trajetória, a sistematização da experiência busca amadurecer a reflexão sobre os caminhos para avançar nos estudos e práticas em agroecologia, aprofundando conceitos e intensificando o diálogo na construção do conhecimento. Em síntese, o trabalho na horta nas propriedades dos agricultores e agricultoras tornou-se símbolo de luta e empoderamento, incluindo a participação dos jovens. Nesse contexto, há liberdade para se expressar, praticar e se realizar. Além de complementar a renda familiar, a produção contribui diretamente para o bem-estar emocional. A disseminação e a troca de conhecimento foram elementos centrais em toda a história do grupo.

5. Considerações Finais

A busca por melhor qualidade de vida nos aspectos econômico, social e ambiental revela que o enfrentamento ao modelo desenvolvimentista é, antes de tudo, uma questão política. A consolidação da agroecologia como alternativa ao desenvolvimento rural enfrenta desafios, pois disputa espaço político com a agricultura familiar frente aos privilégios de uma elite rural predatória. Esses desafios demandam aprofundamento técnico, especialmente nas etapas da transição agroecológica.

Para fortalecer a capacidade política da sociedade e dos movimentos socioambientais, a agroecologia adota estratégias de ocupação territorial por meio de experiências práticas e formação de redes e alianças. Essas experiências geram aprendizados que se tornam força material de produção e referência para políticas públicas. A divulgação de experiências bem-sucedidas reforça a importância de desconstruir o modelo hegemônico de agricultura, ainda enraizado na mentalidade social e nas instituições acadêmicas e científicas.

O crescimento de cursos e formações em agroecologia indica um movimento de formação de profissionais que buscam implementar um ensino não tecnicista. A sistematização de experiências se mostra relevante para registrar os aprendizados das práticas cotidianas dos atores rurais e fortalecer o campo agroecológico. Como exercício de aprendizagem e interpretação crítica, contribui para recriar práticas,

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

renovar a produção teórica e disseminar estratégias tecnológicas e socioambientais, como a conservação de recursos naturais e a rejeição ao uso de agrotóxicos.

É necessário superar a ideia de que a sistematização é difícil de implementar e garantir prioridade institucional ao processo. Não há fórmulas fixas; a sistematização deve ser flexível para atender à complexidade de cada grupo local, potencializando sua capacidade de auto representação. O projeto “Sistematização de experiências: uma estratégia para a construção coletiva de conhecimentos em agroecologia” gerou aprendizados significativos.

Os conteúdos sistematizados destacam a relevância dessas iniciativas para a agroecologia, embora ainda seja dada pouca ênfase ao significado político-estratégico das experiências no contexto dos territórios. Resgatar a autonomia das organizações é essencial nesse processo. A sistematização se revelou um instrumento didático que estimula a invenção, a criação, o pensamento crítico e a transformação das relações sociais, privilegiando a dignidade humana e a disseminação do saber. O processo permitiu identificar potencialidades e limitações nas práticas de diversificação de culturas e manejo do solo, aprimorar as práticas do grupo Bem Viver, criar condições de compartilhamento, aprofundar conceitos e registrar sua trajetória. O aprendizado coletivo fortaleceu o conhecimento agroecológico e a agricultura familiar, na região estudada e no Brasil.

Fica evidente o papel da agricultura familiar como precursora do desenvolvimento sustentável, ao valorizar a dimensão local, aplicar princípios agroecológicos, manter variedades e cultivos locais e resgatar conhecimentos tradicionais de manejo. Por fim, os sistemas agroecológicos possibilitam um processo democrático que equilibra bem-estar e protagonismo dos agricultores. Para que essa proposta avance, são necessários instrumentos de política agrícola e ambiental que estimulem a adoção de modelos agroecológicos, especialmente por famílias que utilizam mão de obra familiar. A sistematização de experiência se apresenta como diferencial no compartilhamento de aprendizado que está na liberdade de exposição e participação de todos os envolvidos. Esses fatores criam um ambiente facilitador que permite o empoderamento dos agricultores, que

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

identificam nessas reuniões e encontros uma oportunidade para compartilhar seus conhecimentos.

Referências

ABREU, E. S; VIANA, I. C; MORENO, R. B; TORRES, E. A. F.S. Alimentação mundial: uma reflexão sobre a história. **Saúde soc**., São Paulo, v. 10, n. 2, p. 3-14, Dec. 2001.

ACOSTA, Alberto et al. El buen vivir: Una vía para el desarrollo. **Quito,** Equador. 2009.

ALCANTARA, L. C. S; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abril. 2017.

ALLAN, E; WEISSER, W.W; FISCHER, M. A comparison of the strength of biodiversity effects across multiple functions. **Agroecologia**, 173. p.223–237. 2013.

ALMEIDA, J. Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.6, n.1, p. 29-40. 2002.

ASSIS, R. L. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia**. Econ. Aplic**., p. 75-89, jan-mar. 2006.

ASSIS, R.L. Globalização, desenvolvimento sustentável e ação local: o caso da agricultura orgânica**. Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 79-96, jan./abr. 2003.

BALEM, T, A. Sistematização de experiências em fruticultura. **Universidade Federal de Santa Maria**, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 62 p. 2015.

BENNETT, A.J; BENDING, G.D; CHANDLER, D; HILTON, S; MILLS, P. Meeting the demand for crop production: the challenge of yield decline in crops grown in short rotations. Biological. **Reviews**, 87, p.52–71. 2012.

BORSATTO, R.S; CARMO, M.S.A. **Agroecologia como um campo científico.** Revista Brasileira de Agroecologia, v.8, n.23, p. 4-1 3. 2013.

BRASIL. Lei no 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Brasília**: Congresso Nacional. 2006.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

BRAUNER, M. C; GOMES, C. B. O. A agroecologia como instrumento efetivador do desenvolvimento sustentável. **Revista Direito Ambiental e sociedade**, v. 9, n. 1. jan./abr. 2019.

CAMPOLIN, A. Metodologias participativas em agroecologia. **Corumbá**: Embrapa Pantanal, 14 p. 2011.

CAPRA, FRITJOF. O ponto de mutação. **Tradução Álvaro Cabral**, São Paulo: Cultrix. 2006.

CAVALCANTI, C. Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. **4ª ed., São Paulo**: Cortez: Recife: PE: Fundação Joaquim Nabuco. 2003.

CHAPLIN-KRAMER, R; O'ROURKE, M.E; BLITZER, E.J; KREMEN, C. A meta-analysis of crop pest and natural enemy response to landscape complexity. **Ecology Letters**, 14, 922–932. 2011.

CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral); HOLLIDAY, O. J. Sistematização de experiências: aprender a dialogar com os processos. **Creative commons**,74 p. 2007.

CLIMATOLOGIA PARA Cacoal-RO. Disponível em: http://jornaldotempo.uol.com.br/climatologia.html/Cacoal-RO. Acesso 2020.

ECKERT, C. Orientações para elaboração de sistematização de experiências**.** **Porto Alegre**: EMATER/RS-ASCAR, 46 p. 2009.

PROATER (Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural). http://www.emater.ro.gov.br/ematerro/wp-content/uploads/2016/06/PROATER-2017.pdf.

EMBRAPA. Marco referencial em agroecologia. **Brasília**, DF: Embrapa Informação. 2006.

FAO- ORGANIZAÇÃO DA ONU PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA, 2020. Disponível em: https://nacoesunidas.org/fao-39-paises-enfrentam-crise-alimentar-em-razao-de-conflitos-e-mudancas-climaticas/.

FINN, J.A; KIRWAN, L; CONNOLLY, J. Ecosystem function enhanced by combining four functional types of plant species in intensively managed grassland mixtures: a 3-year continental-scale field experiment. **Journal of Applied Ecology**, 50, p. 365–375. 2013.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

FRANCIS, C; LIEBLEIN,G; GLIESSMAN, S; BRELAND, T.A; CREAMER, N; HARWOOD,R; SALOMONSSON,J; HELENIUS, J; RICKERL, D, SALVADOR,R; WIEDENHOEFT, M;, SIMMONS, S,; ALLEN,P; ALTIERI,M; FLORA,C; POINCELOT,R. Agroecology: the ecology of food systems. **Journal sustainaiblle agriculture**. V.22, N.3 P.99–1 1 8. 2003.

FREITAS, G. R; CRUZ, M.J.R; RADOMSKY, G. F.W. Pós-desenvolvimento: a desconstrução do Desenvolvimento. **Livro**: Introdução às teorias do desenvolvimento, coordenado pelo SEAD/ UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 118p. 2016.

GARIBALDI, L.A; CARVALHEIRO, L.G; LEONHARDT, S.D. From research to action: enhancing crop yield through wild pollinators. **Frontiers in Ecology and the Environment**, 12, p. 439–447. 2014.

GOMES, C. S**.** Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. **Cadernos do Leste**, Artigos Científicos Belo Horizonte, Jan-dez. Vol.19, n°19. 2019.

RIMM, I.J. Planejamento territorial: uma metodologia de monitoramento de indicadores socioambientais na microbacia hidrográfica do Rio Sagrado, Morretes (PR). **Dissertação de Mestrado**. Santa Catarina, 250 p, 2010.

HOLLIDAY. O, J. Para sistematizar experiências. **Tradução de**: Maria Viviana V. Resende. 2. ed,128 p. 2006.

HOLLIDAY, O. J. (Org.). Sistematização de experiências: aprender a dialogar com os processos. Lisboa, 2007. 74 p. (CIDAC. Coleção Aprendizagens, 1). 2007.

IBGE. Censo 2010. Instituto Brasileiro de Geografia a e Estatística – IBGE. **Censo agropecuário**, Rio de Janeiro, p.1-777. 2006. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/cacoal/panorama.

KREMEN, C; MILES, A. Ecosystem services in biologicallydiversified versus conventional farming systems: benefits, externalities, and trade-offs**. Ecology and Society**, 17, 40p, 2012.

KUBO, R, R. Agricultura e sustentabilidade. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. **Porto Alegre**: Editora da UFRGS, capitulo 8, 143 p. 2009.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

LIMA, DENISE VALÉRIA. Sistematização de experiências na Embrapa: guia metodológico / Denise Valéria Lima, Mara Vanessa Fonseca Dutra. **Brasília**, DF: Embrapa. 2017.

MACHÍN SOSA, B; JAIME, A.M. R; ROSSET, P.ML; LOZANO, D. R.A. **Revolução Agroecológica**: O Movimento Camponês a Camponês da ANAP em Cuba. São Paulo: Outras Expressões. 2012.

MAIA, F. J. F. Desenvolvimento rural, políticas públicas e cidadania: a Agricultura familiar a partir do agir comunicativo. **Rev. Direitos fundam. democ**., v. 25, n. 1 p. 185-203, jan./abr. 2020.

MAMANI, F. H. Buen Vivir/Vivir Bien. Filosofia, políticas, estratégias y experiências regionales andinas. **Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOI**. Lima, Peru. 2010.

MAX-NEEF. M. Desarrollo a Escala Humana. **Montevideo: Nordam comunidade**. 2001.

MULS, L.M. Desenvolvimento Local, Espaço e Território: O Conceito de Capital Social e a Importância da Formação de Redes entre Organismos e Instituições Locais. **Economia**, Brasília (DF), v.9, n.1, p.1–21, jan/abr. 2008.

OLAUDE, A. R; PORTUGAL, C. A. Agricultura Familiar, Reforma Agrária e sua inserção no enfoque territorial no Brasil. **Trabalho apresentado no XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, Cuiabá-MT. 2004.

OLIVEIRA, D; MELLO, M. A. Novas formas de inserção da agricultura familiar ao mercado como estratégia de desenvolvimento rural. **XLIV CONGRESSO DA SOBER** “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”. 2006.

PETERSEN, P; ALMEIDA, S. G de. Rincões Transformadores: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro–uma perspectiva a partir da Rede PTA. Rio de Janeiro. 2006.

PRATES JÚNIOR, P ,2; CUSTÓDIO, A. M; GOMES, T. O. Agroecologia: reflexões teóricas e epistemológicas. **Rev. Bras. de Agroecologia**. 11 (3): 246-258. 2016.

PREFEITURA DE CACOAL, 2021. Notícias Agricultura: Recuperação das nascentes ajuda na conservação do solo (2019). Disponível em: https://www.cacoal.ro.gov.br/category/agricultura/

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

QUIJANO OBREGÓN, A. Bem viver: entre o “desenvolvimento” e a “des/colonialidade” do poder. **Revista Da Faculdade De Direito Da UFG**, 37(01), 46-57. 2013.

QUIJANO, A. Coloniality of power, eurocentrism, and Latin American, en Nepantla. **Views from South**, Durham, N. C.: Duke University, 1.3. 2000.

QUIJAS, S; SCHMID, B; BALVANERA, P. Plant diversity enhances provision of ecosystem services: a new synthesis. **Basic and Applied Ecology**, 11, p.582–593. 2010.

SANCHES, CINARA DEL ARCO. A contribuição da sistematização de experiência para o fortalecimento do campo agroecológico e agricultura familiar no Brasil. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Vol 6, No. 2, São Carlo. 2011.

SANTOS, L.C.R; FRANCIELE LOURENÇO, F; ISABEL JUREMA GRIMM, I.J.G; QUEIROZ, I.S; NÍVEA MARIA DE OLIVEIRA SILVA, N.M.O; JUNIOR, O, C. Agroecologia: saberes e práticas locais como componentes do Bem Viver**.** **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 03, ed. especial, dez. 2017.

SEBRAE. Perfilo socioeconômico e dos pequenos negócios do município de Cacoal-RO. Disponível em: sebrae.com.br. Março de 2017.

SEZYSHTA, A.J. O. Bem Viver e outros mundos possíveis. Argumentos, ano 10, n. 19 – Fortaleza, jan./jun. 2018.

STAMATO, B; MOREIRA, R. M. Metodologias Participativas em Agroecologia: redes, processos e estratégias rumo a uma Pedagogia do Alimento. **Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul**, v. 22, n. 2, maio-agosto, 2017.

TILLY, C. “Movimentos sociais como política”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 3, p. 133. 2010.

TOLEDO, V. M. El metabolismo social: una nueva teoría socioecológica. **Relaciones**, v. 136, p. 41-71. 2013.

TOLEDO, V. M. La agroecología em latinoamerica: três revoluciones, uma mesma transformação. **Agrroecollogíía**, v.6, p.37-46. 2011.

TOURAINE, A. “Na fronteira dos movimentos sociais”. **Sociedade e Estado**, v.21, n. 1, p. 17-28, 2006.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 30/07/2026
Vol: 13.17
DOI: 10.66104/3jsjje45
Pages: 1-40

VIEIRA, Paulo H. F. Rumo ao Desenvolvimento Territorial Sustentável: esboço de roteiro metodológico participativo. **Revista Eisforia**, ano 4, v. 4, p. 249-309. Dez. 2006.

VIETES, R.G. Agricultura sustentável: uma alternativa ao modelo convencional. **Revista geografar**. v. 5, n. 2. 2010.

WEZEL, A; BELLON, S; DORE, T; FRANCIS, C; VALLOD, D; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement, and a practice. **Agrronomy ffor Susttaiinablle Devellopmentt.** v.29, p.503-51 5. 2009.

ZUPPINGER-DINGLEY, D; SCHMID, B; JANA S. PETERMANN, J. S; YADAV, V; DEYN, G, B; FLYNN, D, F, B. Selection for niche differentiation in plant communities increases biodiversity effects. **Nature**, v. 515, n. 7525, p. 108. 2014.

CC BY